


1135-370
136
Francisco das Chagas Baptista



As victimas da crise

CONTINUAÇÃO DA
Historia de Antonio Silvino

Preço 200 rs.



IMPrensa INDUSTRIAL—RECIFE

As victimas da crise

O povo anda affectado
De tysica de algibeira ;
Desse mal contagioso
Que se chama quebradeira ;
Peste terrivel que afflige
A humanidade inteira !

O tempo do bem
Já passou p'ra os povos,
Quando quatro ovos
Custavam um vintem ;
Neste tempo quem
Em crise fallava ?
Quem é que pensava
Que houvesse pobreza?
Com uma vella acceza
Ninguem a encontrava.

N'este tempo se arrancava,
Botijas pelo monturo !
Se achava notas de baixo,
D'uma *flor de pé de muro*.

Até cego e aleijado
Davam dinheiro a juro !

Findou-se a fartura
E a crise chegou,
Dizendo :—Aqui estou,
Se alguém me procura :
Sou mãe da amargura,
Irmã da desgraça ;
Toda minha raça
Vem junto commigo :
A quem eu persigo
O meu povo abraça !...

Quando a crise chegou,
Do pobre bateu á porta ;
Quando o rico soube disso
—Commigo ella não se importa,
Porque eu sou capitalista,
Tenho dinheiro que aborta !

Mas o Omnipotente
Quando mandou o mal,
Dividiu-o em geral,
Para toda a gente,
Por isso a semente
Da crise voou,
E então se espalhou
Pelo povo inteiro ;
Nunca mais dinheiro
Ninguém o juntou !

Fazia pena se ouvir
As queixas de um quebrado ;
Dizia elle :—Meu Deus !
Tenho sido castigado :
Hontem eu era tão rico,
Hoje estou tão atrazado...

O povo em cõro,
Fazendo harmonia
Chorava e dizia :
—Lá se foi meu ouro ;
Meu rico thesouro,
Quem foi que o vio?...
Tudo se extinguiu !
A sorte assim quiz ;
Que mão infeliz
A que me feriu !...

O pobre fazia queixa
Ao sachristão da egreja,
Dizendo :—Eu ganhava tanto
Que a todos fazia inveja,
Mas o diabo do governo,
Deixou-me no ora-veja.

O regulamento
Do nosso paiz,
Admitte um juiz,
Fazer casamento ;
Um baptisamento

Na igreja eu não faço !
Atiro meu laço
E não pego ninguém...
Não tenho um vintem ;
Estou marcando passo !...

O negociante em grosso,
Dizia para o caixeiro :
Os meus freguezes do matto
Comeram o meu dinheiro :
Vou dar parte de quebrado,
Que não sou pae de estradeiro.

Além do desgosto
De ficar quebrado,
Me vejo obrigado
A pagar imposto !
Procure outro encosto,
Vá se retirando...
(Elle assim fallando,
Para a porta aponta)
E nem me peça conta,
Que estou apitando !

Fazendo queixa á esposa,
Diz o rico usurario :
Mulher, vendi minhas casas,
Não sou mais proprietario,
Os ladrões me enganaram,
Deixei de ser millionario.

No recolhimento
Eu perdi cem contos,
Devido a uns descontos
Sem regulamento !
Nem um pagamento,
Faz-me o povo ingrato ;
Não sou mais pacato,
Que a sorte não quer ;
Me pegue, mulher,
Senão eu me mato !...

Dizem os agricultores :
— Vou deixar de trabalhar,
Legume não dá dinheiro,
Não continuo a plantar ;
Um cobrinho que eu tinha,
Está perto de se acabar.

Nesta grande baixa,
Que está o legume,
Não ha quem se aptume,
Tudo se relacha...
Não ha quem na caixa,
Junte mais dinheiro ;
Vê-se um jornaleiro
Pedindo soccorro,
Honra de cachorro
Tem hoje um brejeiro !...

Diz o credor de gado :
Deixo de ser fazendeiro ;

Não aguento o prejuizo,
O gado não dá dinheiro ;
E de cada vez que crio
O governo é meu meheiro !

Se nasce um bezerro
Chega um cobrador
E diz-me : O senhor
Deixe de imperto :
Não sabe que é erro
Deixar de pagar ?
E se você matar
Um boi p'ra vender,
Sem a mim dever
Tem meio a me dar.

São estas as condições
Em que estamos, senhores,
Crise por todos os lados,
P'ra toda banda clamores ;
Hoje só juntam dinheiro
De imposto os cobradôres !

A dona Derrota
E o capitão Lizo
Sem nos dar avizo,
Nos tomaram a porta ;
Um no bolço corta,
Por fóra outro fura...
Ebria de loucura,
Nos diz a Esperança :

—Tomarás vingança
Quando houver fartura.

E assim a humanidade,
Morre de velha esperando...
Vamos de mal a pior!
A crise sempre aumentando...
Nosso Senhor—o governo—
Novos impostos criando.

E essa cantiga
Que a perua canta,
Já não nos espanta ;
Ninguém dá-lhe figa !
Hoje é nossa amiga,
Dona Quebradeira ;
E' bôa companheira,
Maria Quilangue ;
E ninguém de zangue
Que faz uma asneira !

Quem disser : não pago imposto !
Com o governo está pegado ;
Irá-parar na cadeia,
Onde será processado ;
Perde o direito a seus bens,
Fica para sempre arrasado !

Se um pobre louco
Cae nessa armadilha,
Fica na forquilha

E com o carro no touco...
Chora, fica rouco
De pedir justiça,
E a sua doudiça
Será bem punida;
Não dá sua vida
Nem por *meia missa!*

Eis ahí as condições
A que estamos reduzidos;
Pezam tantos os impostos,
Que vivemos opprimidos,
Se não fizerem uma grève
Estamos todos perdidos.

Se eu adivinhasse
Que vinha a soffrer,
Fazia uma grève
Para não nascer,
Só para essas cousas
No mundo não ver.

Historia de Antonio Silvino

(Continuação)

Estando eu fóra do cerco
Dei inda um tiro, que sinto
Ter elle matado apenas
O alferes Paulino Pinto ;
Atirei nos dois, porér
Um estava pouco distincto.

No tiroteio os soldados
Seis cangaceiros mataram
E pegaram nove ás mãos
Que tambem assassinaram
Como se sangra animaes
Elles aos homens sangraram !!

Os que puderam fugir,
Desembestaram a correr
Dizendo:—O diado é quem espera,
Para sangrado morrer!...
Cada qual mais precavido
Procurava se esconder.

O sargento José Lopes,
Vendo o alferes baleado,
Mandou sangrar aos presos,
Obedeceu-o um soldado ;

Não matei-o porque o rifle
Estava descarregado.

Vi matarem todos nove,
De um a um, por escala,
Matarem todos a faca,
Não quizeram usar bala;
Somente Antonio Francisco,
Morreu sem perder a falla !...

Fugi do Surtão ; no estado
De Pernambuco encontrei
A um dos meus inimigos,
Ao qual eu não perdoei.
Era o Sebastião Correia,
Este com um tiro matei.

Em a fazenda de Pedreiras,
Districto de Caicó,
Estado do Rio Grande,
Eu quasi que fico só !
Lá eu me vi apertado
Qual moleque no cipó

O tenente Tolentino,
Nesta fazenda cercou-me
Com uma força de policia
Que, peito a peito, atacou me !
Nós trocámos muitas balas
E elle não amarrou-me.

Logo com o primeiro tiro,
Dois sargentos derrubei,
Com uma bala certa
Ambos d'uma vez matei!
Depois de dar outros tiros,
Fora do cerco pulei.

D'esta vez o Tolentino
Matou-me seis cangaceiros,
D'entre estes um menino
Que era dos meus companheiros.
O que tinha mais coragem;
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguio-me,
Porém eu pude fugir
P'ra o estado do Ceará,
Onde pude residir
Alguns mezes sem a policia
Onde eu estava descobrit.

No Crato do Ceará,
Tres companheiros deixaram
De me acompanharem, então
Na policia se enganjaram;
Não sei se inda são vivos,
Que eu voltei e elles ficaram

Em nove centos e um,
Ao Ceará eu regressei,

Nos estados—Parahyba
E Pernambuco fiquei
Residindo e acredito
Que n'um d'estes morrerei...

Eu não quiz mais que em meu grupo
Entrasse gente safada ;
Escolhi p'ra companheiros
Rio Preto e Cocada,
Relampago e Barra Nova
—Homens de bala e espada.

Em novecentos e dois,
Eu pelo Ingá passando,
Encontrei um enxerido
Que andava denunciando
De mim e meus companheiros,
Sem mais nada o fui matando.

A quinze de Fevereiro
De novecentos e tres,
Em Figueira—Pernambuco,
Vi pela primeira vez
A um meu perseguidor
E matei-o com rapidez !

Esse meu perseguidor
Era o subdelegado
Francisco Antonio Cabral.
Este homem precipitado,

Vivia me perseguindo,
Mas d'elle estou descançado.

Matei Marcos dos Pinhões,
No mesmo anno, não estou
Lembrado agora em que mez ;
Elle de mim denunciou,
Por isto tirei-lhe a vida,
Isto a mim pouco custou !

Estava eu em Nazareth
(De Pernambuco no Estado)
Escondido n'um engenho,
Sem esperar fui cercado ;
Fugi do cerco e corri
Pelos meus acompanhado.

Dividiu-se em dois o grupo
Que até então me seguia ;
O meu amigo Cocada
D'um assumio a chefia...
Fiquei só com dois Arrois,
Tempestade e Ventania..

Acompanhavam Cocada,
Rio Preto e Nevoeiro,
Barra Nova e Relampago,
—Cabra disposto e ligeiro ;
Em meu grupo entrou depois
Balisa um bom cangaceiro

Em Aroeiras matei
Um pombeiro de primeira,
—Era um tal de Severino—
Que servia de chalsira :
Fez uma vez a policia
Dar-me uma boa carreira !

Em novecentos e quatro
Eu no Mogeiro estava
O ex-sargento Manoel Paz,
Nessa occasião passava,
Fiz a elle, o que a mim
Elle fazer desejava.

Esse tal Manoel da Paz,
No tempo que era soldado,
Emboscou-me muitas vezes,
Fez-me andar assustado,
Porém eu com um só tiro,
Matei-o e fiquei vingado.

Em outubro do mesmo anno,
Fui dos meus acompanhado
Para a Villa do Pilar,
Estava lá encarcerado
Um meu amigo, e soltal-o
Fui em trajo de soldado.

Quando cheguei no Pilar,
Do quartel me apossei ;
Da munição dos soldados

Tambem me apoderei ;
E as chaves da cadeia
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
E preendi aos soldados
Que encontrei no lugar.
Deixei-os encarcerados ;
Como elles não se oppuzeram
Eu deixei-os inteirados.

Com os soldados na cadeia
Deixei tambem o carcereiro,
Dirigi-me ao delegado,
Este deu-me algum dinheiro ;
Não deixou de imital-o
Um distincto cavalheiro.

Quando sahi do Pilar
Para o Ceará subi,
Então no Cariry Novo
Alguns mezes residi...
Senti que me perseguiam
Sem perder tempo fugi.

Com destino a Pernambuco,
Do Ceará regressei,
De volta, no municipio
Do Piancó eu passei
E na povoação—Benito
N'uma casa me hospedei.

De offender aos moradores
Eu não tinha intenção,
Mesmo eu não tinha intrigas
Naquella povoação,
Mas nada d'isto livrou-me
D'ume grande traição.

Juntou o subdelegado,
Alguns homens, no lugar
Moradores, com elles
Veio então me cercar,
Elle estava preparado
Para a vida me tirar.

N'outro folheto descrevo,
Uma lucta muito feia
Que tive no Trapiá
Com um inspector d'aldeia
E o cerco dos Tatús,
Pelo Capitão Gouveia.

*(Continúa no folheto «As Manhas
d'um Feiticeiro»).*